

PROFETAS E PROFECIA NOS TEMPOS DO NOVO TESTAMENTO

Autor(es): J. H. Bernard
Fonte: The Biblical World, vol. 25, n. 2 (fev. 1905), p. 117-124
Publicado por: The University of Chicago Press
URL estável: http://www.jstor.org/stable/3141152
Acesso em: 14/05/2014, 08:30
Tradução: Gabriel Cantarino.

O uso do arquivo JSTOR indica sua aceitação dos Termos e Condições de Uso, disponíveis em http://www.jstor.org/page/info/about/policies/terms.jsp

O JSTOR é um serviço sem fins lucrativos que ajuda acadêmicos, pesquisadores e estudantes a descobrir, usar e construir sobre uma ampla gama de conteúdo em um arquivo digital confiável. Utilizamos tecnologia da informação e ferramentas para aumentar a produtividade e facilitar novas formas de pesquisa acadêmica. Para mais informações sobre o JSTOR, entre em contato com support@jstor.org.

PROFETAS E PROFECIA NOS TEMPOS DO NOVO TESTAMENTO

REV. J. H. BERNARD, D.D.
Deão de St. Patrick, Dublin, Irlanda

Entre os hebreus da época da monarquia, o profeta ocupava uma posição que não tem análogo exato entre as demais grandes nações da Antiguidade, e cuja importância seria difícil exagerar. Na comunidade judaica, a distinção entre o religioso e o secular, entre a igreja e o Estado, não era reconhecida; e assim os profetas que proclamavam a vontade e os propósitos de Yahweh ao seu povo desempenharam papel conspícuo na política externa e interna da nação. As grandes figuras entre os que exerciam o ofício profético aparecem entre os ministros e conselheiros do rei, ou — quando em conflito com o soberano reinante — assumem o lugar de líderes naturais do povo (1Rs 19:15 e ss.). As "escolas dos profetas" correspondiam às nossas universidades modernas ou faculdades de teologia, e entre os historiadores que registraram a narrativa da ascensão e queda de Israel, os profetas ocupam lugar de destaque (1Cr 29:29; 2Cr 9:29; etc.). Na arte de governar e na literatura, os grandes nomes são os dos profetas. Mas o Estado era uma teocracia, e a literatura hebraica era essencialmente religiosa — a lei e a história não menos do que a literatura da filosofia, do ritual ou da devoção. A "narrativa profética" é a mais antiga coleção de anais hebraicos que chegou até nós. Os Salmos respiram o espírito profético em cada página. Mas o profeta era mais do que analista, estadista ou hinógrafo. Era o revelador dos propósitos de Deus e o expositor de suas leis. Acima de tudo, era um pregador da justiça. E, visto que o seu direito de ser ouvido e obedecido repousava sobre a sua reivindicação de inspiração direta de Yahweh, esse direito era inteiramente independente de nomeação oficial, de privilégio de casta ou de favor régio. "A palavra do Senhor veio a mim, dizendo —", essa era a sua única e suficiente credencial. Nisso, a sua posição contrastava fortemente, de um lado, com a de um mero estadista como Aitofel, e, de outro, com a dos sacerdotes, que necessariamente pertenciam a uma família específica e para os quais se estabeleciam regras rígidas quanto à condução de seus deveres. Ele podia, de fato, conduzir o povo à batalha, como fez Samuel, ou podia ser estadista, como foi Isaías, ou sacerdote, como Jeremias; mas a vocação profética não tinha relação mais necessária com o ofício sacerdotal do que tinha com o posto de comandante-chefe. Ocasionalmente, o profeta podia dirigir o curso de uma campanha, ou, ocasionalmente, podia oferecer sacrifício. Ninguém ousava contradizê-lo, pois o Espírito de Yahweh repousava sobre ele e o inspirava. Mas o profeta genuíno jamais foi um mero funcionário oficial, e, em circunstâncias ordinárias, não assumiria os deveres que cabiam a outros desempenhar, e para os quais estes haviam sido treinados e especialmente qualificados.

Não é preciso longa reflexão para compreender que uma vocação como esta dificilmente seria vista com bons olhos pelas classes oficiais da nação; e, com o passar do tempo, à medida que a simplicidade da religião hebraica começou a ser sobreposta por observâncias minuciosas de ritual e

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

por elaborados comentários sobre a lei inspirada, a influência dos profetas de Israel começou a minguar. Malaquias não é apenas o último dos profetas cujos escritos foram incluídos no cânon; depois dele, pouco se ouve falar deles após o retorno do cativeiro e o estabelecimento do domínio romano. A era macabéa não produziu profetas, embora a necessidade de um "profeta fiel" que conduzisse o povo fosse intensamente sentida (1Mc 4:46; 9:27; 14:41). Os rabinos tomaram o lugar de mestres, e os escribas, o de analistas da nação; e, na época do nosso Senhor, os sacerdotes haviam alcançado tal grau de ascendência em matérias eclesiásticas que um profeta que tentasse interferir em seus métodos de exercer o sagrado ofício teria sido tratado com desprezo, senão com penalidades legais. A vocação profética estava em suspenso nos dias dos Herodes.

Contudo, a ideia da santidade da missão de um profeta jamais se extinguiria por completo entre a raça judaica; e a extraordinária influência que a pregação de João Batista exerceu sobre a mente do povo estava inteiramente de acordo com suas tradições históricas. "E saíam a ele toda a província da Judeia, e todos os de Jerusalém" (Mc 1:5). Como seu grande predecessor, Elias, ele não hesitava em denunciar os pecados dos que ocupavam posições elevadas, e sofreu às mãos de Herodes por suas palavras ousadas e intransigentes de justiça (Mt 14:3-4). Como muitos outros profetas, foi mártir de sua mensagem (Lc 1:47); Jerusalém tinha a infeliz reputação de ser uma cidade que matava os profetas (Mt 23:37). Eles não podiam viver naquela atmosfera fechada de eclesiasticismo.

Mas João Batista havia alcançado mais do que um sucesso passageiro como pregador popular de missão. Ele revivera a ideia, há muito adormecida, de que o profeta, e não o sacerdote, era o verdadeiro revelador da vontade e do propósito de Deus; e assegurara aos seus ouvintes que Um mais forte do que ele (Mc 1:7) viria depois dele, a quem deveriam ouvir. E assim, quando Alguém se levantou na Galileia, "pregando o evangelho de Deus" (Mc 1:14), os homens estavam preparados para ouvir, e não demorou muito para que fossem constrangidos a confessar que "um grande profeta se levantou entre nós, e que Deus visitou o seu povo" (Lc 7:16). Em sua entrada em Jerusalém, a resposta das multidões à pergunta "Quem é este?" foi: "Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia" (Mt 21:11). Não devemos permitir-nos esquecer que foi Jesus, o Profeta da Galiléia, quem conquistou a lealdade e o amor daqueles que se tornaram discípulos do Cristo, pois, em verdade, a consumação do ofício profético em sua pessoa foi uma das crenças mais firmemente impressas na mente da era apostólica. Pedro e Estêvão apelam ambos à previsão da lei deuteronômica, "Um profeta vos levantará o Senhor vosso Deus, dentre vossos irmãos, semelhante a mim", como cumprida naquele que adoravam como mais do que um profeta (Dt 18:15 = At 3:22; 7:37). E o próprio Cristo prometera que profetas apareceriam depois de sua ascensão: "Eis que eu vos envio profetas, e sábios, e escribas" (Mt 23:34; cf. Lc 11:49).

Este foi um dos pensamentos principais dos primeiros cristãos judeus. O ofício profético fora revivido com uma majestade e um poder com os quais seus antepassados jamais haviam sonhado. "Vós sois os filhos dos profetas", disse Pedro ao povo no pórtico de Salomão (At 3:25). A ideia do Cristo como Rei não entrava em conflito com o sentimento nacional, mas as suas

esperanças quanto à maneira de sua realeza haviam sido rudemente perturbadas; e assim não foi senão depois de decorrido algum tempo que a igreja começou a enfatizar aquele aspecto de sua pessoa, a partir de um ponto de vista mais espiritual do que aquele que poderia ser ocupado por homens que ansiosamente aguardavam a derrubada do poder romano e o restabelecimento de uma vida nacional independente.

Mais uma vez, a concepção do Cristo como Sacerdote, embora da mais profunda importância para uma verdadeira compreensão da salvação que ele operou e das graças que concedeu, não estava proeminentemente diante deles no início. Ao longo de todo o seu ministério, ele havia sido, ao que tudo indica, diretamente oposto aos sacerdotes, e foram as maquinações destes que o levaram à cruz. Tampouco o ofício sacerdotal do Messias estava tão definidamente prefigurado e retratado nos livros sagrados do Antigo Testamento quanto os seus outros títulos de Rei e Profeta. Não é senão quando chegamos à epístola aos Hebreus que essa grande ideia cristã é desenvolvida e explicada. Foi Jesus o Profeta quem conquistou os camponeses galileus; e que esse Jesus era o Cristo, o servo de Yahweh de quem falavam as antigas Escrituras, era o pensamento principal dos primeiros pregadores do cristianismo. Nele, a vocação profética alcançara o seu ponto mais alto; por meio dele, ficara demonstrado, como nunca antes, que os sacerdotes não são os únicos ministros da graça divina, mas que o profeta a quem eles desprezam e perseguem pode ser, mais verdadeiramente, mensageiro de Deus do que eles.

O efeito inevitável dessa cristologia foi um recrudescimento da vocação profética. Os primeiros seguidores do Cristo não haviam deixado de ser judeus, e, contudo, haviam deixado de ter qualquer confiança nas autoridades eclesiásticas credenciadas da nação. Era coisa inteiramente natural que encontrassem, no reavivamento de uma das mais antigas e sagradas de suas vocações nacionais, aquela fonte de ensino autoritativo que é essencial à vida de qualquer comunidade religiosa. O seu apego aos hábitos e às instituições judaicas é evidente em cada página dos primeiros capítulos de Atos. Não abandonaram os cultos do templo, e continuaram a observar as horas de oração (At 3:1); foi somente depois de uma luta árdua consigo mesmos que puderam conceder que o rito iniciático da circuncisão não era essencial para a filiação à igreja; assumiram o antigo ofício de presbítero ou ancião a partir do sistema da sinagoga. E assim, também, saudaram com gratidão o reavivamento do ofício do profeta. O dom da profecia era agora, como antigamente, o dom gratuito do Espírito (1Co 12:10); não um dom que todos os homens compartilhavam, mas um dom pelo exercício do qual todos os fiéis podiam ser beneficiados (1Co 14:4).

Em um caso isolado, parece que o dom foi compartilhado por mulheres (At 21:9). Paulo classifica os profetas imediatamente depois dos apóstolos e antes dos mestres (1Co 12:28), e sustenta que a igreja está de fato edificada sobre o fundamento dos "apóstolos e profetas, sendo o próprio Jesus Cristo a pedra angular" (Ef 2:20). O "mistério de Cristo" — que o seu evangelho seria católico, tanto para o gentio quanto para o judeu — foi "revelado aos seus santos apóstolos e profetas no Espírito" (Ef 3:5).

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

Os profetas cristãos, então, como os profetas judeus, eram homens cujas palavras de exortação eram recebidas como mensagem de Deus. Como os profetas judeus, a predição era por vezes característica de suas manifestações, como no caso de Ágabo (At 11:27-28; 21:10-11), embora nem sob a lei nem sob o evangelho fosse essa a parte mais importante ou conspícua da função profética. Elias foi contado entre os maiores dos profetas; contudo, nenhuma predição messiânica lhe é atribuída. E assim, nos dias apostólicos, a predição não era a característica principal da mensagem do προφήτης (*prophétēs*). Eles eram, porém, algo mais do que mestres; há uma grande diferença entre um homem que é senhor da sua mensagem e um homem cuja mensagem é senhora dele. Certamente "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas" (1Co 14:32); as suas manifestações não eram meras rapsódias ou expressões de êxtase frenético, como as manifestações dos oráculos pagãos. Mas eram inspirados por um espírito que não era inteiramente seu próprio, e as suas palavras eram maiores do que eles sabiam.

Encontramo-nos com eles várias vezes em Atos. Profetas desceram de Jerusalém a Antioquia com o propósito de obter simpatia e alívio para os cristãos judeus mais pobres durante o tempo da fome iminente (At 11:27-29); ali parecem ter desempenhado papel semelhante ao que, em nossos dias, é exercido por um pregador eloquente encarregado da entrega de um sermão de "caridade". Pouco depois, entre os profetas e mestres em Antioquia, cinco são nomeados — Barnabé, Simeão Níger, Lúcio de Cirene, Manaém e Saulo (At 13:1) — dentre os quais Barnabé e Saulo foram selecionados para uma embaixada apostólica especial (cf. At 14:4). Novamente, Judas Barsabás e Silas, que foram enviados de Jerusalém a Antioquia para transmitir à igreja ali a decisão do concílio apostólico quanto aos termos pelos quais os gentios poderiam ser admitidos à filiação, eram profetas (At 15:32). A sua função, em virtude do seu ofício, era evidentemente persuadir e pregar: "Judas e Silas, sendo eles mesmos também profetas, exortaram os irmãos com muitas palavras e os confirmaram".

Mais uma vez, no Apocalipse, encontramos que os profetas ocupam lugar proeminente na visão que o escritor tem da igreja. A segunda "besta", coadjutora de Satanás, com chifres de cordeiro e voz de dragão, que realiza sinais e prodígios mentirosos, é descrita como sendo, por excelência, "o Falso Profeta" (Ap 13:11-14; 16:13, etc.). E, neste livro judeu-cristão, não há menção de "bispos" ou "diáconos", nem de "presbíteros", exceto os vinte e quatro que estão diante do trono (Ap 4:4, etc.); mas "apóstolos" e "profetas" são convidados a alegrar-se com os "santos" (Ap 18:20). É o sangue dos "santos" e dos "profetas" que é finalmente vingado (Ap 16:6; 18:24), quando a recompensa há de ser dada "aos teus servos, os profetas, e aos santos" (Ap 11:18). Assim como "os santos" é a expressão regular para os fiéis em Cristo, como no uso paulino, também aqueles que os servem são uniformemente descritos como profetas. E o vidente do Apocalipse conta-se também como um προφήτης (*prophétēs*) (Ap 22:9, "teus irmãos os profetas"). O testemunho deste livro confirma, portanto, inteiramente a nossa visão da importante posição que o "profeta" ocupava nas primeiras comunidades cristãs.

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

Quando passamos para a era subapostólica, verificamos que há uma tendência crescente de o ministério itinerante de apóstolos e profetas ser substituído por um ministério local de bispos e diáconos. Este último está plenamente estabelecido em Corinto, e aparentemente em Roma, quando Clemente escreveu sua epístola aos Coríntios (por volta do ano 97); e Clemente nada nos diz sobre a profecia cristã. Na Ásia Menor, nos dias de Inácio, o episcopado monárquico já está plenamente organizado, e a única alusão ao ofício profético em suas epístolas encontra-se numa passagem em que Inácio fala da possibilidade de uma revelação direta de Deus vindo a ele (*Ef.*, § 20), aparentemente considerando-se, assim, um profeta. Mas é na *Didaquê*, ou "Ensino dos Doze Apóstolos" — manual que, em sua forma atual, remonta ao ano 120 ou por aí — que obtemos a visão mais clara da alta estima em que os profetas cristãos eram tidos. Estabelecem-se regras (§§ 10-15) para a acolhida a ser dispensada a um apóstolo — isto é, um missionário — ou a um profeta, quando visitasse uma pequena comunidade de cristãos. Ele deve ser hospedado por, no máximo, dois dias, mas aquele que pedir para ser alimentado e hospedado por tempo mais longo deve ser considerado falso profeta. Da mesma forma, se pedir dinheiro como recompensa, ou se a sua conduta não estiver de acordo com as suas palavras, deve ser rejeitado. Mas um profeta genuíno, falando no espírito, deve ser tratado com veneração, e a sua mensagem deve ser recebida sem questionamento. Acrescenta-se a instrução: "Permiti aos apóstolos e profetas oferecer ação de graças tanto quanto desejarem" — regra que provavelmente significa (como se verá se o contexto for examinado) que o profeta não está obrigado a usar as orações eucarísticas regulares, mas que pode orar *ex tempore*, como se diz hoje, na celebração dos mistérios. E, por fim, temos um indício da gradual assunção do ofício profético pelos oficiais permanentes da igreja: "Elegei, pois, para vós, bispos e diáconos dignos do Senhor, homens mansos e não amantes do dinheiro, e também verdadeiros e aprovados; pois eles também vos prestam o serviço dos profetas e mestres". Vemos aqui que as funções espirituais começam a ser providas por um ministério local, à medida que os dons ordinários começam a suplantar os extraordinários. O período de transição durou mais em uns lugares do que em outros. Justino Mártir apenas alude à existência de profetas cristãos em seu tempo, embora pareça sugerir que raramente eram encontrados: "Entre nós, ainda no dia de hoje, há dons proféticos" são suas palavras (*Dial.*, § 82). Mas a prevalência do montanismo em certos círculos, ao final do século II, mostra quão profunda era a relutância de alguns em admitir que o ofício profético se tornara obsoleto.[1]

Temos, assim, de reconhecer que o profeta era uma pessoa tida em bastante peculiar estima na igreja cristã primitiva. Os seus dons eram próprios de um período de transição e de reavivamento espiritual, e, quando a sua obra estava consumada, ele cedia lugar aos líderes oficiais da igreja, a quem chamamos bispos e diáconos. Como o ofício de presbítero, o ofício de profeta era enfaticamente judaico em sua concepção e em sua origem, e, nisso, como em outros aspectos, contrastava com o ofício de bispo.

---

[1]Ver Eusébio, *H. E.*, 5:16, 17, para outras menções aos "profetas".

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

Mas a necessidade do profeta surge repetidas vezes na história cristã; e há de ser cego aos seus ensinamentos quem não reconhecer que, repetidas vezes, o homem foi enviado para suprir essa necessidade. Francisco de Assis, o profeta da despreocupação com o mundo; Savonarola, o profeta da liberdade; Lutero, o profeta da compaixão divina, cujo pensamento central é o do amor de Deus em Cristo; Wesley, Maurice, Newman, e toda aquela nobre companhia a quem foi dado por Deus falar palavras ardentes de verdade em seu nome — estes homens são, de fato, profetas para a sua época e para a posteridade da múltipla graça de Deus. E, em cada época da história cristã, a sua missão tem sido a mesma que a do primeiro profeta da era evangélica — preparar um povo pronto para o Senhor. Eles vão adiante da face do Senhor para preparar os seus caminhos.

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.